

CLAUDE LÉVI-STRAUSS: CIDADES, VIAGENS E IMAGINAÇÕES¹

Jeferson Carvalho da Silva² (USP, São Paulo, Brasil)

A viagem é uma construção da imaginação

Claude Lévi-Strauss, 1992

Palavras-chave:

Claude Lévi-Strauss; Cidades; Imaginação

Encontrei-me com Lévi-Strauss em seu escritório³. Distraído que estava com um conjunto de fichas⁴ espalhadas por sua mesa, ele não notou minha chegada e continuou a observar os papéis à sua frente com atenção, trocando-os vez ou outra de lugar. Sem me anunciar, parei na porta por alguns instantes e percorri o aposento com o olhar. A luz fraca do sol da manhã, que entrava pela janela, dançava pelas paredes iluminando as estantes abarrotadas, lambia a lombada dos livros e criava contornos curiosos nas máscaras de madeira, cestarias e outros objetos espalhados pelo ambiente.

Tentando guardar na memória cada detalhe daquela cena, me perdi nas escamas de um crocodilo de madeira. A luz do sol acariciava seu corpo de tal forma que eu quase

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS - USP), sob orientação da Professora Doutora Sylvania Caiuby Novaes.

³ Parte das imagens descritas e do diálogo aqui apresentado surgiram após um sonho, em julho de 2021, onde encontrava-me com Lévi-Strauss em seu escritório. Ver imagens do escritório de Claude Lévi-Strauss em “Plans du bureau de Claude Lévi-Strauss” – disponível em: <https://www.ina.fr/ina-eclairage-actu/video/i05259103/plans-du-bureau-de-claude-levi-strauss>. Acesso em 23 maio 2022.

⁴ “Quando me falta inspiração, quando estou sem ideias, pego um monte de fichas – eu deveria colocar isso no imperfeito, porque se refere ao tempo em que eu trabalhava – e, só de espalhá-las, misturá-las, agrupá-las ao acaso, às vezes me vem uma ideia [...] eu diria que as fichas, para mim, são exatamente o oposto de um método, são o meio de ter ideias imprevistas” (Perrone-Moisés, 1999:17-18) – Claude Lévi-Strauss em entrevista a Beatriz Perrone-Moisés.

podia ver o animal se mexer. “*É muito bonito, não é?*”⁵, ouço assustado Lévi-Strauss me dizer. Sem jeito, aceno uma resposta afirmativa com a cabeça. Não sei quanto tempo fiquei parado olhando o escritório, mas foi tempo suficiente para que de observador eu passasse a ser observado. Lévi-Strauss levantou-se com vagar da cadeira onde estava, aproximando-se do crocodilo que havia capturado minha atenção. “*É um alaiúde da Birmânia. Tem três cordas esticadas no ventre e tem a forma de um crocodilo porque na mitologia chinesa é o crocodilo que é o inventor da música*”⁶, ele me explica com calma observando de perto o objeto, analisando suas escamas.

Semanas antes – quando havia enviado a primeira carta à Lévi-Strauss – se tivesse imaginado uma cena como esta acontecendo, certamente pensaria que estava delirando. Agora, as coisas não pareciam mais que um sonho e estávamos ele e eu ali, em seu escritório, às vésperas de uma viagem. Lévi-Strauss aceitou meu convite, não sem relutância, repetindo diversas vezes: “*Não, não viajo mais. Não tenho sequer um passaporte válido, deixei o meu vencer*”⁷. Insisti algumas vezes mais, disse que precisava de sua ajuda em meu trabalho, expliquei que não seria uma viagem como as outras e que nossos passaportes seriam de outro tipo. Já havia perdido as esperanças quando recebi um pequeno envelope azul. Dentro, um pedaço de papel com apenas uma frase e sua assinatura: “*Odeio as viagens e os exploradores*”⁸. Com sorriso no rosto e frio na barriga, guardei o pedaço de papel no bolso e, entendendo o recado, comecei a arrumar minhas coisas dentro da mala apressadamente.

A fama de não ser muito afeito às viagens acompanha Lévi-Strauss há um bom tempo e ele próprio, em certos momentos, parece aceitar essas afirmativas⁹. Talvez por isso tenha sido relutante em aceitar meu convite. No entanto, quando o encontrei em seu escritório e ele me disse: “*Há muito tempo – já nem lembro quando foi a última vez*

⁵ Claude Lévi-Strauss em entrevista a Carlos Câmara Leme (2007/2008: 15) – Optei por deixar as citações diretas a Lévi-Strauss em itálico e com aspas, sem recuo, todas referenciadas em notas de rodapé a ao final do texto. As citações diretas e indiretas de outros/as autores/as seguem os padrões de referência comuns.

⁶ Leme, 2008/2007: 15.

⁷ Claude Lévi-Strauss em entrevista a Eduardo Viveiros de Castro (1998: 126).

⁸ Lévi-Strauss, 1996: 15.

⁹ Ver Leme, 2007/2008; Perrone-Moisés, 1999.

*[risos] – que não viajo*¹⁰, percebi por detrás das lentes grossas de seus óculos algo de uma euforia inconfessável própria dos preparativos que antecedem a partida. Uma rebeldia em quebrar algumas regras, um retorno aos sentimentos guardados em prateleiras altas ou espalhados em cantos esquecidos da memória. Como quando certa vez ele disse: *“Eu tinha vontade de ver o mundo, de ir para bem longe. Já na infância e na adolescência, eu montava várias pequenas expedições no campo francês... eu queria aventura, onde quer que a encontrasse... naturalmente, quanto mais longe eu fosse, melhor...”*¹¹. E, seguramente, não estávamos indo para muito perto.

Em minha carta, convidei Lévi-Strauss a revisitar comigo as cidades pelas quais ele havia passado – observado o seu começo ou imaginado o seu fim. Por isso minha insistência em ter sua companhia ao longo da viagem – queria que ele fosse meu condutor, que, com ele, eu pudesse visitar, sentir, desmontar e reconstruir essas cidades, tal como Kublai Khan fazia ao escutar os relatos das cidades vistas e vividas por Marco Polo em suas expedições:

Kublai Khan percebera que as cidades de Marco Polo eram todas parecidas, como se a passagem de uma para a outra não envolvesse uma viagem mas uma mera troca de elementos. Agora, para cada cidade que Marco lhe descrevia, a mente do Grande Khan partia por conta própria, e, desmontando a cidade pedaço por pedaço, ele a reconstruía de outra maneira, substituindo ingredientes, deslocando-os, invertendo-os (Calvino, 1990: 20)

O aceite do convite foi, sem dúvida, uma surpresa para mim. E a frase no bilhete de Lévi-Strauss não poderia ser outra, ela abriu seu livro “Tristes Trópicos” e sobre ambos, a frase e o livro, ele disse: *“Esta introdução, como você bem sabe, foi escrita como uma provocação. Não expressava tanto meus próprios sentimentos quanto uma irritação geral que se sentia então pelos relatos de viagens. Na época em que o escrevi, havia pelo menos duas leituras por semana dos assim chamados viajantes que vinham a Paris contar suas aventuras. Tinham um sucesso enorme. O que eu queria dizer era que a antropologia não era isso, pois nós não viajamos para contar relatos de viagem e impressionar o público, mas porque nossos laboratórios de trabalho se encontram a*

¹⁰ Claude Lévi-Strauss em entrevista a Carlos Câmara Leme (2007/2008: 10).

¹¹ Claude Lévi-Strauss em entrevista a Beatriz Perrone-Moisés (1999: 13).

centenas ou milhares de quilômetros de distância”¹². Ao ouvir isso, tive a certeza de que minhas suspeitas sobre a euforia em seu olhar não estavam de todo enganadas.

Estávamos nos preparando para uma viagem de trabalho¹³. Entretanto, embora Lévi-Strauss tenha aceitado me acompanhar, conduzir alguns dos meus caminhos, desde que recebi o envelope azul com sua resposta, percebi que estaria só em boa parte da jornada. Não porque não estivéssemos juntos, mas sim porque – em alguma medida – o sentido da viagem se encontra no afastamento (Goldman, 2016). Afinal de contas, ele próprio nos diz, o trabalho de campo etnográfico, a viagem, é esse período em que nos distanciamos daquilo que nos é próximo, em que passamos a encarar tudo, inclusive nós mesmos, com estranhamento e nos encontramos cara a cara com a diferença. Lévi-Strauss já havia alertado que a partir desse processo o/a antropólogo/a: “*nunca mais se sentirá em casa, em lugar nenhum, permanecerá psicologicamente mutilado*”¹⁴. E é aí, nessa experiência de estranhamento e mutilação, que as flores que alimentam a antropologia nascem, aí despontam as riquezas das viagens e do trabalho de campo etnográfico. Logo, as viagens se apresentam como “*meios de domesticar a estranheza, de torná-la familiar*”¹⁵.

Nesse sentido, a Antropologia, a etnografia e as viagens encontram suas proximidades no afastamento. Podemos entender que o deslocamento em que elas se envolvem não está restrito ao espaço e o estranhamento em si já nos coloca em movimento. Todas essas experiências fazem desmoronar nossas certezas prévias sobre quem somos, de onde viemos e sobre os mundos que achamos conhecer (Goldman, 2016). Ter consciência disso faz parte dos preparativos para a partida.

Após passar longos minutos em silêncio encarando o alaúde em formato de crocodilo, perguntei a Lévi-Strauss sobre as fichas espalhadas em cima de sua mesa. Desviando os olhos do instrumento, com um sorriso no canto dos lábios, ele me

¹² Claude Lévi-Strauss em entrevista a Edmundo Magaña (1992: 159).

¹³ Vale salientar aqui que, dado o cenário da pandemia de covid-19 nos anos de 2020 e 2021, uma vez que não tínhamos previsões concretas para o fim do isolamento social, me preocupei em propor uma pesquisa que pudesse ser realizada em segurança. Desse modo, a partir do material bibliográfico e das imagens de Lévi-Strauss, construí as bases e as delimitações do meu campo de pesquisa. As viagens descritas nesta comunicação referem-se a experimentações propostas com este material.

¹⁴ Lévi-Strauss, 1996: 59.

¹⁵ Lévi-Strauss, 2012b: 86.

respondeu: “Quando vamos a algum lugar é fundamental estarmos bem informados, devemos ler tudo o que possa ser lido. Não somente as fontes antigas como também os trabalhos mais recentes. Desta maneira, a viagem em si proporciona um diálogo entre nossas próprias impressões e o conhecimento dos outros. Reconstruímos assim uma realidade que não é nem a do passado nem a do presente. A viagem é uma construção da imaginação”¹⁶. Dizendo isso, me pediu licença para arrumar suas coisas e retirou-se do escritório. Fiquei ali parado, digerindo o que havia acabado de ouvir, contemplando a luz que entrava pela janela e os objetos ao redor. Um arrepio tomou meu corpo: a aventura havia começado e estávamos perto da partida.

SEGUINDO OS FIOS DA ARANHA, LAHORE¹⁷

Eu estava de frente para a máquina de escrever¹⁸, observando os detalhes de suas teclas redondas, quando Lévi-Strauss retornou ao seu escritório. Com um sorriso no rosto, ele deixou uma pequena mala de mão encostada junto à porta e dirigiu-se à sua mesa. Nós trocamos algumas palavras enquanto ele recolhia com empolgação suas fichas, colocando-as em uma bolsa suspensa em seu ombro onde encontravam-se a máquina fotográfica e todos os cadernos, blocos, papéis e canetas que ele usaria durante a viagem. Nesse meio tempo, continuei a passear com os olhos pelo aposento, admirando “uma imensa raiz de árvore esculpida chinesa, estampas e guardas de sabre japonesas [...] a clava haida, de cedro, que serve para golpear o peixe, citada numa das meditações estéticas de *O pensamento selvagem*” (Loyer, 2018: 11), entre outros tantos objetos das mais diferentes partes do mundo.

Quando tudo estava pronto e arrumado dentro de sua bolsa, nos dirigimos para o corredor. Fui atrás dele e, antes de fechar a porta do escritório, contemplei uma última vez todos os objetos e a quantidade imensa de livros que cobria as paredes, pensando: “Lévi-Strauss pode dar a volta ao mundo sem deixar seu gabinete” (Loyer, 2018: 12).

¹⁶ Claude Lévi-Strauss em entrevista a Edmundo Magaña (1992: 159).

¹⁷ Para esta comunicação, decidi apresentar apenas o experimento realizado a partir das descrições e memórias de Lévi-Strauss sobre a cidade de Lahore, em “Tristes Trópicos”, 1996a: 42-43.

¹⁸ A máquina de escrever utilizada por Lévi-Strauss para redigir “Tristes Trópicos” hoje se encontra na coleção da Biblioteca Nacional da França (Bibliothèque nationale de France – BnF). Ver <https://nambikwara.hypotheses.org/900>. Acesso 20 julho 2021.

Um sorriso surgiu em meu rosto, puxei a maçaneta da porta. Lévi-Strauss me deu um toque no ombro, ajeitou suas coisas, e partimos.

* * *

Já estava entardecendo quando entramos no pequeno avião, arrumamos nossas coisas e nos acomodamos em nossos assentos. A dança da luz do sol poente invadia a cabine pelas janelas com seus tons dourados em passagem para o vermelho¹⁹, dando ao ambiente uma atmosfera quase onírica. “*O sonho, 'deus dos selvagens', diziam os antigos missionários, sempre esvaiu-se-me entre os dedos, como um mercúrio sútil*”²⁰, disse Lévi-Strauss certa vez. Todavia, antes da partida, retirei alguns lápis coloridos de dentro de minha bolsa e tentei registrar o fenômeno luminoso e a paisagem na qual estávamos imersos, tentando ater-me a cada detalhe e capturar a intensidade das luzes como quem corre atrás de borboletas. Sabemos que “A máquina de fotografar sonhos ainda não foi inventada, embora uma foto [ou um desenho] possa evocar exatamente a magia e o mistério daquilo que se registra com a câmera [ou com as canetas e o lápis]” (Caiuby Novaes, 2005: 111).

Ainda assim, matéria líquida, os sonhos ousam escapar pelas mãos como borboletas selvagens em pleno voo – buscar sua arqueologia, seus rastros, é uma tarefa complicada. Dessa maneira, é sugerido então que se “considere o sonho uma estratégia para resolver um problema (problema artístico ou outro), considere o sonho como uma forma de consciência (estado alterado), usando-o (escreva com ele) como uma forma de 'alerta' da atividade mental” (Mayer, 2016: 08). Em “Tristes Trópicos”, encontramos os “*fragmentos brilhantes*”²¹ dos sonhos de Lévi-Strauss dispersos por diversos lugares. Para o começo da viagem escolhemos ir em busca de um em específico. O avião voava alto sobre as nuvens e a noite se aproximava, dentro de algumas horas chegaríamos ao nosso destino: Lahore.

Quando desembarcamos do pequeno avião, segui os passos de Lévi-Strauss e tive o desenho como uma forma de caminhar (Ingold, 2011), de me colocar em contato

¹⁹ Referência ao capítulo sete de “Tristes Trópicos” de Lévi-Strauss, “O pôr do sol”.

²⁰ Lévi-Strauss, 1996: 42.

²¹ Lévi-Strauss, 1996: 42.



Imagem 02. Lahore. Desenho, nanquim sobre papel. O autor, 2021.

com um “mundo além” (Taussig, 2011). Em um percurso onírico, atravessávamos a cidade paquistanesa de Lahore. Com a caneta, descrevi aquilo que acontecia e me afetava. Entramos em ruas, becos e atravessamos avenidas cheias de árvores. Enquanto caminhava ao lado de Lévi-Strauss, senti o cheiro forte das especiarias – chás, unguentos, bálsamos, temperos, incensos – e da fumaça dos carros, vi as rachaduras nas pedras, o sol quente nos telhados, a textura da madeira em corrosão. Num relance, fui capturado pelo olhar gentil dos grandes búfalos que nos empurravam pelas ruas pedindo passagem. O movimento das pessoas era intenso e as trocas aconteciam por toda parte. Vez ou outra escutava a voz de Lévi-Strauss indicando o caminho, abafada pelo barulho das vozes e dos caminhões que passavam ao nosso lado.

Tomando o sonho como estratégia, percorremos a cidade: ora muito próximos, ora muito distantes. Tal como Kublai Khan, ao ouvir os relatos das cidades descritas por Marco Polo após suas viagens (Calvino, 1990), nos seduzimos por seus mistérios e tesouros. Nos deparamos com “*um gênio de mil braços*”²² e nos enrolamos nos fios dos

²² Lévi-Strauss, 1996: 43.

sonhos, entrelaçados pela “*aranha metálica*”²³ que habita e tece a cidade. No meio dessa trama procuramos “a cidade em si mesma” (Agier, 2011), aquilo que Lévi-Strauss chamou de o “*verdadeiro Lahore*”²⁴, que se escondia nas esquinas e nas pedras, nos movimentos das pessoas que atravessavam as ruas, nos cantos das lojas, no cerne das madeiras, por cima dos telhados e nas ruínas da cidade.



Imagem 03. Telhados de Lahore. Desenho, nanquim sobre papel. O autor, 2021.

Ao longo do caminho, percebi que a busca – mais do que o encontro – é o que dá sentido à essa viagem. Seus tesouros estão nas surpresas que encontramos no percurso, mais do que no anseio de encontrar, de fato, o “*velho e verdadeiro Lahore*”²⁵. Aprendemos as coisas ao longo da jornada, enquanto experimentamos e seguimos seus movimentos enquanto acontecem. O resultado disso se dá como numa *bricolagem* (Lévi-Strauss, 2012a), onde fragmentos de lembranças e sensações, despertam os sentidos ao mesmo tempo que a caneta corre pelo papel deixando seus rastros. As linhas dos desenhos se emaranham (Ingold, 2007; 2011), tal como os fios da aranha que tece a cidade antiga.

²³ Ibidem.

²⁴ Ibidem.

²⁵ Lévi-Strauss, 1996: 43.

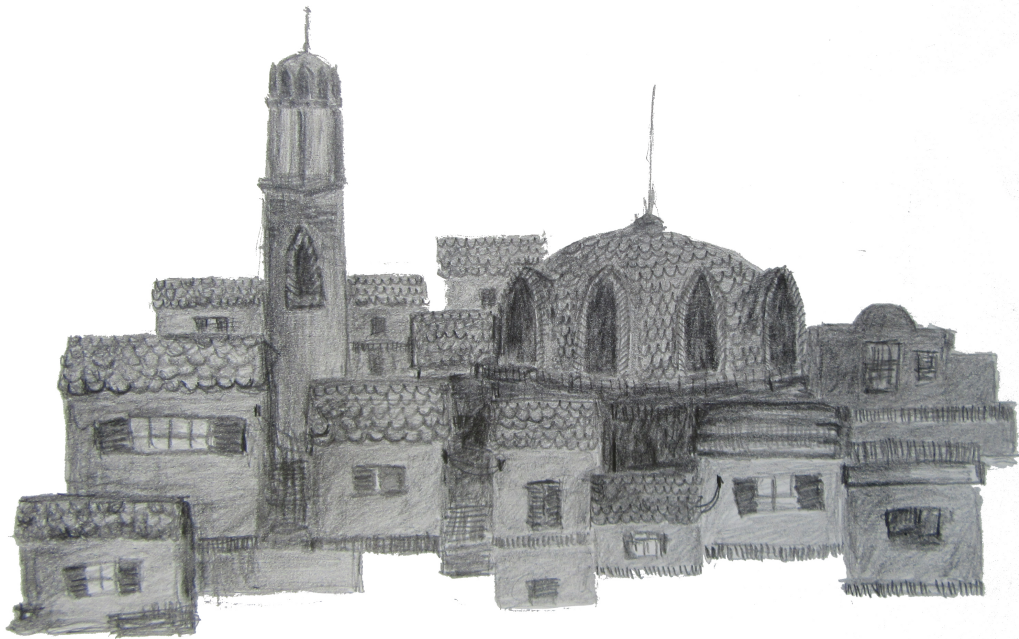


Imagem 04. Telhados de Lahore. Desenho, lápis grafite sobre papel. O autor, 2021.

Ao aproximar-se do fim, nossa viagem segue para um novo começo, em outro lugar... Não sei ao certo para onde vamos, apenas observo atento enquanto Lévi-Strauss ainda caminha pelas ruas da cidade paquistanesa, tomando notas em seus cadernos e se concentrando, vez ou outra, antes de apertar o botão disparador da máquina fotográfica. Seguindo os fios da aranha, talvez cheguemos a São Paulo onde, por algum tempo, outra de sua espécie esteve em sua toca numa mancha verde no meio da cidade²⁶.

SOBRE CIDADES, VIAGENS E IMAGINAÇÕES

Muitas são as relações entre imagens – dos mais diferentes tipos – e antropologia. Podemos verificar uma “trajetória paralela” (Pinney, 1996) entre a história da fotografia e da disciplina antropológica, como também constatar a “novidade velha” (Azevedo, 2016) que são os desenhos nos modos de fazer de antropólogos e antropólogas, por exemplo. Muitas são, ainda, as relações entre imagens e viagens e, por

²⁶ Ao ler a descrição de Lévi-Strauss (1996: 43) sobre a “aranha metálica” de Lahore: “[...] se o acesso não estivesse vedado pela teia de aranha metálica que, de um muro ao outro e em toda a cidade velha, é tecida por uma instalação elétrica mal-feita”, fui levado à obra “Spider” (1996) da artista franco-americana Louise Bourgeois. É uma escultura de três metros de altura feita em bronze exposta durante algum tempo numa espécie de aquário no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo.

sua vez, entre viagens e antropologia. Todas dizem, em algum sentido e à sua própria maneira, sobre exercícios de construção do olhar (Caiuby Novaes, 2012).

Há algo mágico nas relações e experiências que temos com as imagens, nos diz a antropóloga Sylvia Caiuby Novaes (2008). Elas borram as estruturas rígidas de uma racionalidade, que durante algum tempo impregnou-se nas ciências sociais; movimentam as relações tênues entre o verbal e o visual, entre a razão e a sensibilidade (Caiuby Novaes, 1999). Isso se dá pelo processo de olhar e pelas formas de engajamento proporcionadas por essa experiência, pois, em algum sentido, as “Imagens favorecem, mais do que o texto, a introspecção, a memória, a identificação, uma mistura de pensamento e emoção. Imagens, como o próprio termo diz, envolvem, mais do que o texto descritivo, a imaginação de quem as contempla” (Caiuby Novaes, 2008: 465). Por outro lado, podemos entender que

Uma palavra é a imagem de uma idéia e uma idéia é a imagem de uma coisa, como numa cadeia de representações. Palavras podem ser mais reais do que a própria coisa à qual elas se referem, por exemplo, quando a cena que descrevemos tem mais impacto do que a situação em si que vivenciamos. É o que faz o poeta ao descrever a paisagem. Nesse sentido, também a poesia pode ser vista como uma forma de produção pictórica (Caiuby Novaes, 2008: 459)

Assim sendo, o que podemos pensar das imagens (em sua relação com o texto ou as próprias imagens produzidas pelos textos) na construção da experiência etnográfica? Ou, ainda, o que podemos pensar sobre as imagens e a imaginação na construção de um percurso etnográfico, uma viagem, como o que se propôs no experimento apresentado nesta comunicação? Afinal, as viagens são elas mesmas, segundo Lévi-Strauss, “*uma construção da imaginação*”²⁷, e o que se esboçou aqui foi a tentativa de imaginar e experimentar *com* (e experimentar *o*) pensamento em uma jornada, seja ela em palavras que criam imagens ou em imagens que retornam palavras; ainda, uma jornada que percorre através de linhas (Ingold, 2007) que nos levam ao outro, ao desconhecido. Num exercício como esse – de experimentar um pensamento, um pensamento outro – o que se coloca, aponta Eduardo Viveiros de Castro (2002: 123), não é o movimento “de imaginar uma experiência, mas [o] de experimentar uma imaginação”. Nesse sentido, “A experiência, no caso, é a minha própria [...] e o

²⁷ Claude Lévi-Strauss em entrevista a Edmundo Magaña (1992: 159).

experimento, uma ficção controlada por essa experiência. Ou seja, a ficção é antropológica, mas sua antropologia não é fictícia” (Ibidem).

Entendendo estes pontos, podemos nos perguntar ainda: como habitar tais ficções e como estas podem se apresentar enquanto o nosso próprio mundo, alargando as experiências dos sentidos, colocando a “realidade” sob tensão? De acordo com o antropólogo britânico Tim Ingold (2011), para o pensamento moderno – que estabelece distinções muito marcadas entre “o mental e o material, ou os terrenos da imaginação e do ambiente físico”²⁸ (Ingold, 2011: 197) – é inconcebível ou ultrajante o estabelecimento de uma passagem livre entre esses dois domínios (o da imaginação e das ficções para o da “existência corpórea” e do mundo material). Todavia, comparando quatro experiências distintas (as práticas de monges da Europa medieval; a tradição da pintura entre os Yolngu, povo aborígine da Austrália; as obras do artista russo Wassily Kandinsky; e um tratado do paisagista chinês Ching Hao, do século X), o autor analisa respostas singulares que colocam a noção de imagem – junto das práticas de andar, escrever, desenhar, ler, pintar – em questão. Por esse caminho, Ingold nos mostra como a divisão rígida entre a imaginação e o mundo concreto, reiterada pelo pensamento ocidental moderno, perde sua consistência; como a ficção se constitui da realidade na expressão sensível de um impulso vital, e vice-versa. Dessa forma, o autor nos mostra modos pelos quais podemos pensar num mundo onde o material e o mental se misturam, sem barreiras.

Foi justamente com provocações nesse sentido que os experimentos com as obras e o pensamento de Claude Lévi-Strauss, aqui apresentados, seguiram. A proposta de caminhadas pelas cidades descritas por Lévi-Strauss ao longo de sua trajetória buscou ser uma maneira de colocar a realidade sob tensão, de habitar uma ficção que fosse capaz de me aproximar enquanto pesquisador de meu “nativo” (Perrone-Moisés, 2021), Lévi-Strauss – com o respeito e cuidado que são ensinados por nossa disciplina. Assim, nesta breve amostra de uma pesquisa em desenvolvimento, o que se esboçou foi, em alguma medida, um modo de “pensar o pensamento nativo” (Viveiros de Castro, 2002: 129), uma vez que tenho Lévi-Strauss como meu companheiro de viagem e principal interlocutor. A ficção que apresento borra a realidade: passo a estar com Lévi-

²⁸ Tradução livre, o autor.

Strauss, a caminhar por suas descrições em “Tristes Trópicos”, a viver e percorrer as cidades que ele descreve, expandindo as experiências dos meus próprios sentidos, estabelecendo pontes entre tempos, mundos e ficções.

Dessa maneira, o que se buscou aqui não foi interpretar o pensamento de Lévi-Strauss, mas uma forma de experimentá-lo, de levá-lo a outros lugares, multiplicando as relações e correspondências entre diferentes modos de fazer antropologia, exercitando suas afetações. Colocar Lévi-Strauss, suas palavras e suas imagens, em movimento corresponde aqui a adotar certa postura poética de trilhar formas de conhecimento e aproximação, mas também de afastamento e distância, como numa viagem.

Em certo sentido, o esforço proposto aqui busca experimentar a produção pictórica das palavras quando afetadas pelo contato com imagens de outro tipo e a produção de imagens afetadas por esses outros tipos de imagens que as palavras produzem. Assim, uma cadeia linear de representação ponto a ponto – da experiência ao texto; do texto à imagem; da imagem à imaginação – se desmancha. O processo se desenrola em uma trama onde linhas se emaranham, deixam pontas soltas e as vinculações que proporcionam estão em movimento. O resultado disso é um experimento no qual texto e imagem não se colocam em oposição, mas em confluência. As palavras criam imagens na ficção de um encontro que transborda a realidade; os desenhos traçam os caminhos de uma viagem que vai além de narrativas e descrições textuais.

Desenhar, ler, escrever, observar se fazem aqui movimentos de expansão do mundo e das experiências sensíveis da pesquisa. Ferramentas de expressão e contato, de questionamento e de transporte, uma outra maneira de lidar com os materiais trabalhados. Nesta experiência, os desenhos surgiram como caminhos, sem a busca de projeção de algo (Ingold, 2011), deixando rastros; enquanto modo de seguir os movimentos das narrativas de Lévi-Strauss. Como uma forma de caminhar (Ingold, 2011), as linhas dos desenhos puderam me levar para lugares distantes, afastando o que está perto e aproximando o que está longe. Logo, neste experimento, os desenhos aparecem como os vestígios das borboletas selvagens dos sonhos, que escapam pelos dedos. Sem nunca alcançá-las, ficamos apenas com as flores de onde retiram o néctar e espalham o pólen. Como busca das borboletas, os desenhos me levaram a lugares

imprevistos, numa viagem singular, em confluências com as palavras; num movimento de caminhar e construir uma outra cidade, uma nova Lahore – nem Lahore em si, nem a Lahore de Lévi-Strauss e, muito menos, a minha própria Lahore, simplesmente.

Portanto, de acordo com o antropólogo Michael Taussig, é compreensível que entendamos que “O desenho pode familiarizá-lo com a estranheza que está sendo descrita. Você faz seu próprio passaporte para a terra incógnita. Mas, então, você precisa admitir que o desenho é, ele mesmo, uma coisa estranha também”²⁹. Assim, viajar *com* e *através* dos desenhos – ou das imagens (verbais ou visuais) – se fez aqui uma maneira de “domesticar a estranheza” (Lévi-Strauss, 2012), ou torná-la ainda mais selvagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas são as cidades descritas e relatadas por Lévi-Strauss ao longo de suas viagens e trajetória, no Brasil e em outras partes do mundo – muito embora suas experiências urbanas não tenham adquirido aspecto central em suas produções ou nos desdobramentos de seu pensamento por outros/as autores/as. Para citar algumas, temos: São Paulo, Rio de Janeiro, Cuiabá, Londrina, Nova York, Tóquio, Paris, Fort-de-France, Calcutá, Lahore – cujo experimento inicial apresentei nesta comunicação.

Tomando como laboratório as descrições e relatos sobre cidades, feitos por Lévi-Strauss em textos e imagens, em minha pesquisa – da qual esta comunicação se apresenta como desdobramento – busco especular formas pelas quais a antropologia possa ser capaz de contribuir e criar imaginações acerca dos modos de construção e habitação de nossas cidades contemporâneas, pensando o seu papel em cenários de mudanças climáticas, fins de mundos e do Antropoceno, por exemplo. Desafios e questões suscitados por nossos tempos e sobre os quais, sem dúvidas, o pensamento de Lévi-Strauss traz inspirações precisas para reflexão e questionamento (Loyer, 2018).

Portanto, fazer das descrições de Lévi-Strauss laboratório, experimentar *com* e *a partir* delas, é uma maneira de adentrar cidades outras, aproximando-se de cidades imaginárias, tal como as “cidades invisíveis” de Italo Calvino (1990), experimentando ficções durante esse processo. Nesse sentido, fazendo de Lévi-Strauss “nativo” (Perrone-Moisés, 2021), passo a imaginar futuros e cidades, a percorrer e habitar ficções

²⁹ Tradução livre, o autor.

e fazer uma antropologia próxima ao sonho, onde modos de conhecimento se conversam e as imaginações se tornam valores heurísticos aos fazeres antropológicos. Por esse caminho, trilho em composições onde a realidade é colocada sob tensão, bem como as próprias categorias metodológicas da disciplina. E, dessa maneira, busco entender como as cidades de Claude Lévi-Strauss nos permitem (re)pensar e (re)imaginar as nossas próprias cidades e as formas como as percebemos.

* Trabalho realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP): processo nº 2021/05272-5. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

BIBLIOGRAFIA

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011
- AZEVEDO, Aina. “Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, vol. 05, n.02: 15-32, 2016
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. “Lévi-Strauss: razão e sensibilidade”. *Revista de Antropologia*, vol.42, n.1-2: 67-76, 1999
- _____. “O uso da imagem na Antropologia”. In: SAMAIN, Etienne: *O Fotográfico*. São Paulo: Editora SENAC/HUCI- TEC, 2005, p. 113-119
- _____. “Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico”. *Mana*, vol.14, n.2: 455-475, 2008
- _____. “Voyages as exercises of the gaze”. *Vibrant*, vol. 09, n.02: 273-292, 2012
- GOLDMAN, Marcio. “Lévi-Strauss, a ciência e as outras coisas”. In: GOLDMAN, Marcio. *Mais alguma antropologia: ensaios de geografia do pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2016, p. 47-90

- INGOLD, Tim. *Lines: a brief history*. London: Routledge, 2007
- _____. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011
- LEME, Carlos Câmara. “O antropólogo que odiava viajar: entrevista com Claude Lévi-Strauss”. *Antropologia Portuguesa*, vol. 24/25: 09-19, 2007/2008
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- _____. *O pensamento selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 2012a
- _____. *A outra face da Lua: escritos sobre o Japão*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b
- LOYER, Emmanuelle. *Lévi-Strauss*. Tradução de André Telles. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018
- MAGAÑA, Edmundo. “Entrevista com Claude Lévi-Strauss”. *Cadernos de Campo*, vol.02, n.02: 158-164, 1992
- MAYER, Bernadette. “Experiências”. *Grampo Canoa*, n.02: 04-08, 2016
- PERRONE-MOISÉS, Beatriz. “Claude Lévi-Strauss, aos 90”. *Revista de Antropologia*, vol. 42, n.1-2: 09-25, 1999
- _____. “Traduzir as Mitológicas”. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p. 443-454
- PINNEY, Christopher. “A história paralela da Antropologia e da Fotografia”. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, vol. 02: 29-52, 1996
- TAUSSIG, Michael. *I Swear I Saw This: drawings in fieldwork notebooks, namely my own*. Chicago: The University of Chicago Press, 2011
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Lévi-Strauss nos 90: a antropologia de cabeça para baixo”. *Mana*, vol.4, n.2: 119-126, 1998
- _____. “O nativo relativo”. *Mana*, vol.08, n.01:113-148, 2002